

# OPINIÃO SOCIALISTA



Nº619  
De 19 de agosto a  
01 de setembro  
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu\_oficial



**OCUPAR AS RUAS**

# 7 DE SETEMBRO!

**DITADURA NUNCA MAIS!**

18 de agosto foi marcado por uma forte paralisação dos servidores públicos.  
Não é hora de “frear” as lutas, mas aprofundá-las rumo à Greve Geral



**PDF INTERATIVO**

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

## CHARGE



**Somos contra essa obrigatoriedade [do uso de máscaras]**

”

Marcelo Queiroga, ministro da Saúde, em entrevista a um canal bolsonarista (18/08)



## CRIMINALIZAÇÃO

## Justiça condena sindicalista por lutar por emprego

A 3ª Vara Federal de São José dos Campos (SP) condenou o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, Antônio Macapá, por suposto crime de desobediência. O motivo seria o pretenso descumprimento de uma decisão judicial que proibia a ocupação da Rodovia Presidente Dutra, durante mobilizações operárias realizadas em agosto de 2015. Trata-se de uma criminalização absurda contra a luta dos trabalhadores. Macapá foi condenado arbitrariamente a 16 dias de detenção por defender o emprego dos trabalhadores da General Motors. Para defender Antônio Macapá foi criada uma campanha con-



Antônio Macapá

tra a condenação do sindicalista que e solicita aos sindicatos, organizações e entidades da sociedade civil o envio de moções de repúdio. Macapá atua no Sindicato dos Metalúrgicos desde 2009

e foi presidente da entidade por dois mandatos (2012-2018). Militante do PSTU, também é membro da direção da CSP-Conlutas de São Paulo, e sempre dedicou sua vida a lutar contra as injustiças sociais em nosso país. A moção deve ser enviada ao Tribunal Regional Federal (TRF) da 3ª Região, instância onde os advogados vão recorrer da decisão arbitrária, com cópia para a Secretaria Geral do Sindicato.

## SAIBA MAIS



USE O QR-CODE AO LADO E CONFIRA AQUI O MODELO DE MOÇÃO E COMO FAZER.

## SÉRGIO REIS

## O peão do rei do gado

Há poucos dias, o cantor e ex-deputado Sérgio Reis convocou em um vídeo caminhoneiros a saírem às ruas em defesa de Bolsonaro, realizarem uma greve e pedir o impeachment dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). Sérgio Reis já havia defendido intervenção militar em outra ocasião. Dessa vez, o tiro saiu pela culatra e o sertanejo foi repudiado nas redes sociais, com muitas críticas, inclusive de artistas, grupos sertanejos e políticos. O repúdio também atingiu a agenda e o bolso do cantor, e líderes dos caminhoneiros logo desmentiram o artista. Na sequência veio à tona que o cantor havia colocado uma prótese peniana de R\$ 55 mil pago com dinheiro públi-



co quando era deputado. Um deputado pediu ressarcimento da Câmara pela cirurgia. Mas, entre declarações a favor da ditadura e próteses penianas, Sergio Reis é um velho aliado do latifúndio há muito anos. Nos anos 1980, ele animava festas da UDR no Acre, cujo objetivo era juntar dinheiro para os fazendeiros atacarem o movimento camponês seringueiro, liderado por Chico

Mendes. Líderes do movimento lembram que a arrecadação de fundos servia para contratar jagunços e comprar armas. Hoje em dia, o cantor faz reuniões em uma mansão em Brasília, sede da Aprosoja (associação dos produtores do soja) destilando seu golpismo e puxando o saco de Bolsonaro, como um fiel peão do rei do gado.

## SOCIALISTA Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Luciano Lasp

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

✉ [opinio@pstu.org.br](mailto:opinio@pstu.org.br)

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# Retomar as ruas no 7 de setembro! Fora Bolsonaro! Ditadura nunca mais!

**O** dia 18 de agosto foi um forte dia de greve no setor público e de mobilizações em todo o país, das capitais às pequenas cidades do interior, expressando a indignação crescente contra esse governo genocida e autoritário.

A data foi aprovada na coordenação nacional da “Campanha Fora Bolsonaro” e, certamente, teria sido bem maior, caso a política da direção majoritária dessa Frente não tivesse sido a de pisar no freio das mobilizações, como chegaram a declarar na imprensa, tão logo o dia foi definido.

O fato de, mesmo assim, ter sido expressivo, tanto no sentido das paralisações como na amplitude das manifestações, mostra que há um importante espaço para o crescimento da luta contra o governo, com forte disposição por parte da classe trabalhadora, inclusive para ações mais radicalizadas, como as paralisações.

Os motivos para isso não são segredo para ninguém: a crise social se aprofunda, com o reaparecimento do flagelo da fome, num contexto de desemprego em massa e uma precarização cada vez maior, sobretudo da juventude trabalhadora. A inflação, principalmente dos produtos mais básicos, como o gás de cozinha e os alimentos, chega a níveis massacrantes.

Em São Paulo, o preço da cesta básica calculada pelo Dieese chegou, em julho, a R\$ 1.064,79, quase o valor do salário-mínimo. O alto preço da gasolina, por sua vez, está fazendo com que até mesmo que teve que recorrer ao trabalho no Uber largasse esse bico. Como dizem, “o governo consegue desempregar até os desempregados”.

Por outro lado, o lucro dos grandes bancos teve, no 2º trimestre deste ano, crescimento de 64%, simplesmente o maior da história neste intervalo de tempo. Frente à esta situação, o governo e o Congresso Nacional realizaram novas investidas contra a classe trabalhadora e a população, retirando ainda mais direitos, através da Reforma Trabalhista, atacando os servidores públicos, e avançando nas privatizações.

## DERROTAR BOLSONARO E AS AMEAÇAS GOLPISTAS

Bolsonaro responde à sua própria crise reafirmando suas ameaças de golpe, atizando sua base de ultradireita e investindo contra as liberdades democráticas. Após a tentativa de aprovar o voto impresso, com direito a desfile militar na Esplanada como forma de intimidação, ele, agora, está convocando mobilizações pró-ditadura para o dia 7 de setembro.

Ao mesmo tempo, anunciou uma espécie de Bolsa-Família turbinado, que vai ser pago através das privatizações, do calote nos precatórios e mais ataques. Ou seja, medidas eleitoreiras para parte da classe, pagas pelos próprios trabalhadores; enquanto, de forma geral, as condições de vida vão baixando para além do insuportável.

É preciso às ruas no 7 de setembro, a próxima data definida pela coordenação da “Campanha Fora Bolsonaro”. É necessário dar uma resposta nas ruas aos atos em defesa do golpe militar convocados por Bolsonaro! É preciso que as ruas expressem que a maioria do povo brasileiro não quer a volta da ditadura e quer o “Fora Bolsonaro!”.



Mas é preciso, ao invés de “freios”, acelerar as mobilizações, impulsionar ainda mais os atos de rua e, como vem defendendo a CSP-Conlutas, preparar, desde já, uma Greve Geral. O 18 de agosto deu uma mostra de que isso é possível. Não podemos, como apontam Lula, a direção do PT e parte da direção do PSOL, cozinhar o movimento a banho-maria para canalizar, eleitoralmente, em 2022. Fazer isso é um crime, pois significa deixar que Bolsonaro continue sua cruzada genocida, numa pandemia que ainda não terminou, destruindo os direitos, exterminando os povos indígenas, o meio ambiente e os setores oprimidos.

## POLO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO

Se é necessária toda a unidade na luta para derrubar este governo e defender as liberdades democráticas, frente às ameaças de golpe, para

apresentar um projeto de país à classe trabalhadora a história é outra. Não é possível mais ficar a reboque de alternativas atreladas à burguesia, aos banqueiros, grandes empresários e latifundiários.

Se sabemos que uma alternativa da direita não vai defender as mudanças que precisamos, a história já mostrou que um programa e um governo de colaboração de classes, comprometidos com os super-ricos, tampouco vai defender mudanças estruturais que resolvam o desemprego e a fome; que revertam a destruição dos serviços públicos; promovam a reforma agrária, a demarcação das terras indígenas e quilombolas e protejam o meio ambiente.

Isso porque, para fazer as mudanças que precisamos, é necessário atacar o lucro e a propriedade da burguesia, dos bilionários e dos super-ricos, e enfrentar o imperialismo. É preciso parar de pagar a dívida

aos banqueiros, reestatizar as empresas privatizadas, parando a entrega do país e colocando, por exemplo, a Petrobras sob controle dos trabalhadores, para que produza de acordo com as necessidades da população (com gás de cozinha e combustível a preços de custo) e não para meia dúzia de especuladores internacionais.

É por isso que é preciso a organização de todos os setores que estejam dispostos a apresentar e defender um programa independente, socialista e revolucionário, para as lutas e as eleições. O PSTU se coloca como parte desse esforço para organizar um polo socialista e revolucionário e faz um chamado a todos os setores comprometidos com a luta e um projeto de país que seja voltado aos trabalhadores, ao povo pobre, aos negros, mulheres, indígenas e LGBTIs.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/ZOC1U](https://pstu.ml/zoc1u)

**POLÊMICA**

# O que esperar de um possível governo Lula?

**EDUARDO ALMEIDA,  
DE SÃO PAULO (SP)**

**P**rimero de janeiro de 2003. Lula tomou posse como presidente da República. Pela primeira vez, uma liderança operária chegava ao governo. Uma enorme esperança empolgou os trabalhadores e trabalhadoras em todo o país.

Como vice, Lula trouxe José Alencar, representante da burguesia industrial. Naquele momento, o PSTU afirmou que a aliança com a burguesia iria frustrar as expectativas dos trabalhadores. Na época, poucos nos ouviram. Mas, tudo acabou, mesmo, em uma enorme frustração.

Hoje, novamente, as esperanças da maioria dos trabalhadores e da juventude se voltam



Lula e o banqueiro Henrique Meireles, chefe do Banco Central no seu governo

para Lula nas eleições de 2022. Espera-se que, em janeiro de 2023, Lula tire o odiado Bolsonaro do governo e mude os planos econômicos neoliberais.

No entanto, mais uma vez, Lula busca um vice-presidente que expresse a presença da burguesia em seu governo. Desta vez, quer expressões ainda

maiores do capital. Chegou a conversar com o PSDB e com o PP. Quando questionamos essa aliança com a burguesia, a resposta que escutamos com muita frequência é a mesma: “vale tudo para derrotar Bolsonaro”.

## **ALIANÇAS COM A BURGUESIA: O CAMINHO PARA NOVAS FRUSTRAÇÕES**

Defendemos a maior unidade de ação na luta para derrubar Bolsonaro, já, inclusive com setores da burguesia que se dispõem a isso. Mas isso é muito diferente de ter um projeto de governo com a burguesia. Derrubar Bolsonaro é abrir a possibilidade de mudar. Formar um governo com a burguesia é dar continuidade aos planos econômicos neoliberais contra os trabalhadores, mas com outra cara.

Ao contrário de somar, a aliança com a burguesia, diminui e subtrai. Obriga a se fazer um governo nos marcos do programa burguês. Lula deu um exemplo disto em uma postagem feita em suas redes sociais, no dia 26 de julho, em uma declaração contra a taxa de grandes fortunas: “O problema não é taxar as grandes fortunas porque você pode taxar as grandes fortunas e elas voarem para outro país”. Ou seja, só se pode fazer o que os grandes empresários estejam de acordo.

Podemos estar perante novas e grandes frustrações. É sobre isso que queremos falar, lembrando como foram os governos do Partido dos Trabalhadores.

**LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/TP9HF](https://pstu.ml/tp9hf)**

**BALANÇO**

## Lembrando os primeiros governos do PT

Quando se faz um governo nos limites da aliança com a burguesia, as possibilidades estarão dentro da realidade da economia capitalista. Nos primeiros governos do PT, a realidade da economia mundial e brasileira era muito diferente da situação atual. E isso favoreceu o PT.

Lula assumiu em 2003, em uma situação de crescimento da economia mundial, antes da grande recessão internacional de 2007-09, com um “boom das commodities” (ou seja, a explosão na comercialização de produtos de larga escala que servem como matéria-prima, como os agrícolas e minerais). Isso possibilitou anos de crescimento capitalista no Brasil, com índices de 4, 5 e 6% ao ano.

O governo petista manteve todo o plano neoliberal e deu largos passos em sua implementação. Em primeiro lugar, manteve e ampliou todo o domínio dos bancos no país. Nos oito anos dos governos Lula, os lucros dos bancos foram de R\$ 254,76 bi-

lhões. Quatro vezes mais que os R\$ 63,63 bilhões dos dois governos FHC (1994-2002). Em 2003, a dívida pública com os bancos era de R\$ 1,2 trilhões. Mesmo com Lula e Dilma pagando R\$ 3,4 trilhões, o endividamento aumentou para R\$ 4,3 trilhões, segundo o Instituto Latino Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese). (\*)

Lula tem razão quando disse, em 2016, que “os banqueiros nunca ganharam tanto dinheiro como no meu mandato”.

### **EXCELENTES RELAÇÕES COM O IMPERIALISMO E O CAPITAL ESTRANGEIRO**

O PT manteve excelente relação com o imperialismo. Aprofundou seriamente a penetração do capital estrangeiro, começando pela Petrobrás. Com a descoberta do pré-sal, em 2008, Lula poderia ter avançado na consolidação de uma Petrobrás 100% estatal e na autossuficiência em petróleo. Fez o oposto: avançou na privatização da empresa, ini-

ciada por FHC, com o 10º e o 11º leilões do petróleo e a abertura do capital acionário para os investidores estrangeiros.

Os governos petistas abriram a economia para as multinacionais. De 1993 a 2002, as multinacionais remeteram US\$ 47,1 bilhões para suas matrizes. Nos governos petistas, entre 2003 e 2015, remeteram US\$ 293 bilhões. Para completar a subserviência ao imperialismo, Lula atendeu um pedido de Bush e o Exército brasileiro comandou a Minustah, uma força de ocupação militar da “ONU” no Haiti, a serviço das multinacionais.

### **SEM REFORMA AGRÁRIA**

Em relação ao campo, o balanço é impressionante. Não para a reforma agrária, como esperavam os ativistas. Como falou o insuspeito João Pedro Stedile, em 2012: “Nos últimos dez anos, não houve avanços em termos de reforma agrária. Nos últimos dez anos, se ampliou a concentração da propriedade



Roberto Rodrigues, o ministro latifundiário da agricultura na era Lula

da terra. E pior, concentrou-se inclusive nas mãos de empresas de fora da agricultura e do capital estrangeiro”.

O que avançou no campo durante os governos petistas foi o agronegócio. As grandes empresas nacionais e multinacionais invadiram o campo, produzindo para a exportação. Não por acaso Kátia Abreu, uma das maiores dirigentes da burguesia agrária, ficou com Dilma até o fim, discursando no Congresso contra o impeachment.

### **CONCESSÕES**

Lula e Dilma governaram para e com capital nacional e internacional. Mas, nos governos de Lula, com crescimento econômico, houve também concessões aos setores mais pobres, como o Bolsa-Família, que atingiu 13,6 milhões de pessoas, e uma pequena elevação do salário mínimo. O crescimento econômico permitiu um aumento do emprego, enquanto o desemprego permaneceu em níveis baixos, de 4 a 5%.

Essa combinação de fatores criou a impressão de “melhoria da situação de vida dos trabalhadores”, o que foi amplamente capitalizada pelo PT.

Mas não se tratou, como o PT dizia, de que os pobres viraram uma “nova classe média”. Como foi discutido pelo Ilase: “Dos 21 milhões de novos empregos ge-

rados entre 2000 e 2010 (a maior parte sob os dois mandatos de Lula), 20 milhões se deram no esquema de precarização neoliberal. Desse ponto de vista, ao contrário da propaganda oficial, aumentou o tamanho da classe trabalhadora (especialmente dos setores que ganham menos) e diminui o peso de trabalhadores

de ‘classe média’, que ganhavam mais de cinco salários mínimos mensais.” (\*\*)

O PT aplicou toda a receita neoliberal em um momento de crescimento econômico. Garantiram a estabilidade e altos lucros para a burguesia, por 14 anos, com pequenas concessões para os trabalhadores.



Atendendo Bush, Lula mandou tropas para ocupar o Haiti.

## IMPEACHMENT



Kátia Abreu, várias vezes premiada com o troféu motosserra, foi ministra da agricultura de Dilma.

Quando as condições de vida pioraram, explodiu o ascenso espontâneo de 2013, que desgastou todos os governos, incluindo o de Dilma. Começou, aí, a enorme ruptura das massas com o PT.

Mas, o PT conseguiu reestabilizar a situação e Dilma

ganhou um segundo mandato. Veio, então, a recessão econômica de 2015 (-3,5%) e mais ataques aos trabalhadores. O desgaste do PT se ampliou e, aí, surgiram os escândalos de corrupção. Dilma chegou a ter uma rejeição de 71% que consideravam seu governo ruim e

# A crise do governo Dilma

péssimo, índice maior do que tem Bolsonaro, hoje.

A maioria da burguesia, que se deu muito bem com o PT por 14 anos, rompeu com Dilma e apoiou o impeachment. O PT já não tinha bases para conseguir implementar os novos planos de reformas que a burguesia queria.

Assim, a burguesia aprovou impeachment e colocou o vice-presidente de Dilma, Michel Temer, no poder. O PT construiu uma ideologia de que isso foi um “golpe” para tirar Dilma, porque o PT, supostamente, “defendia os direitos dos trabalhadores”.

Na verdade, os governos petistas estiveram completamente a serviço da implementação dos planos neoliberais. Por isso, se desgastaram com a população e a burguesia pôde impor o impeachment. Não existiria nenhuma condição para a direita tirar o PT do poder se Dilma ainda tivesse um apoio de massas, como nos primeiros governos do PT.

Com o impeachment, não houve nenhuma mudança em relação ao regime democrático burguês. Se houvesse realmente um golpe, teria havido uma mudança para um regime repressor, para uma ditadura. Mas isso não ocorreu.

O impeachment foi uma manobra parlamentar da direita (a mesma que, por 14 anos, apoiou o PT, com o mesmo Centrão, que, hoje, sustenta Bolsonaro), porque a burguesia não precisava mais do PT para governar. Porque Dilma já não tinha força para aplicar as reformas, apesar de estar de acordo com elas. Tanto que a Reforma da Previdência, depois aplicada por Temer, foi elaborada no governo Dilma.

Naquele momento, o PSTU, corretamente, não saiu em defesa do governo burguês de Dilma, nem apoiou a manobra para empossar Temer, defendendo “Fora Todos Eles!”.

## ALERTA

# Governar em unidade com a burguesia é manter a miséria dos trabalhadores

Fazer um balanço dos governos do PT tem um motivo: queremos alertar os ativistas, em particular da juventude, para o que pode ocorrer em um possível novo governo Lula.

O projeto de governo já anunciado pelo PT inclui alianças com a maioria da burguesia internacional e nacional. Lula vai se adaptar aos limites do capital, em um momento muito pior do que nos tempos de seus primeiros governos. A realidade pós-recessões de 2007-09 e 2020 é de um crescimento anêmico, com ataques muito mais duros aos direitos dos trabalhadores.

Durante os primeiros governos Lula, havia crescimento da economia e o desemprego era baixo. Hoje, as projeções apontam um crescimento da economia de 1,9%, em 2022; e o desemprego está em 14,6%, segundo o IBGE. Mesmo com o atual boom das commodities isso não deve ser revertido.

O “Anuário Estatístico do Ilase

de 2021”, a ser divulgado, mostra que a realidade é muito pior, com 23,36% da população sem emprego e 17,14% com emprego precarizado. Ou seja, mais de 40% da população está no exército industrial de reserva.

A burguesia aproveitou a pandemia para “passar uma boiada” nas condições de vida dos trabalhadores. Temer e Bolsonaro impuseram as reformas da Previdência e Trabalhista, no Congresso.

Essa é a realidade da economia mundial e nacional. E as perspectivas, ainda, são de piora. Com os avanços da indústria 4.0, a internet 5G, a inteligência artificial, o desemprego deve aumentar muito mais. As tendências são de ampliação da desindustrialização relativa, da desnacionalização da economia e de maior precarização das relações de trabalho.

Não há como mudar essa situação sem uma ruptura com o imperialismo e a burguesia nacional. Não existe sequer uma maneira

de voltar aos tempos do primeiro governo de Lula sem enfrentamentos com a grande burguesia.

E Lula não está disposto a isto. Quer trazer para seu governo os mesmos setores da burguesia que estiveram junto a Bolsonaro. Até mesmo os parlamentares do Centrão, que já o apoiaram no passado e podem voltar a fazê-lo.

Para os que tenham dúvidas, basta ver se os pronunciamentos de Lula apontam para a reestatização da Eletrobras e dos Correios. Ou para a revogação das reformas Trabalhista e Previdenciária.

A lógica é a mesma por trás de sua negativa da taxaço das grandes fortunas. Isso significa limitar as medidas aos acordos possíveis com o grande capital.

O plano de Lula, na essência, é voltar ao Bolsa-Família turbinado, que é uma recomendação do Banco Mundial para todos os governos, sendo, hoje, aplicado por governos de “esquerda” e de direita, em todo o mundo, inclusive Bolsonaro. Isso



não vai mudar o país. Vai trazer mais uma frustração.

O Brasil precisa de uma ruptura com o capital. Precisa avançar para uma revolução socialista, para evitar a barbárie que está crescendo. Para isso, vários ativistas e o PSTU estão impulsionando

a formação de um Polo Socialista e Revolucionário para intervir nas lutas diretas para derrubar Bolsonaro, já, e também para as eleições. Não aceitamos a lógica de governar em unidade com a burguesia para manter a miséria dos trabalhadores.

## PRÓXIMA EDIÇÃO

**Na próxima edição faremos um balanço das políticas do PT em relação a mulheres, negros(as) e LGBTIs, além de suas medidas em relação ao meio ambiente.**



\*“O legado do PT no governo (2003-2016): um balanço em perspectiva histórica”, Ilase, 2019.

\*\*“Um balanço crítico do governo do PT”, Ilase (com textos de Nazareno Godeiro, Erika Andreassi e Daniel Romero. [Acesse pelo QR-CODE](#)

MINIRREFORMA TRABALHISTA

# Congresso legaliza trabalho precarizado, destrói direitos e acaba com o futuro da juventude

**RENATA FRANÇA, DE CAMPINAS (SP)**

**N**a mesma semana em que foram retomados os trabalhos do Congresso Nacional, o presidente da Câmara dos Deputados Arthur Lira (PP) aprovou, a toque de caixa e sob o fumaçê dos tanques na Esplanada, um ataque brutal a direitos históricos dos trabalhadores e trabalhadoras: a Medida Provisória (MP) 1045.

Inicialmente, a MP, que ainda precisa passar pelo Senado, foi apresentada como uma reedição do “Programa Emergencial de Emprego e Renda” (MP 936), lançado no início da pandemia e que permitia reduzir os salários e a jornada de trabalho enquanto durasse a crise sanitária.

Contudo, por traz da propaganda enganosa feita pelo ministro da Economia Paulo Guedes – que prometia “preservar

os empregos” –, as MPs emergenciais eram, na verdade, uma Reforma Trabalhista fatiada e imposta através medidas “não tão” provisórias.

A nova MP é uma versão piorada desse presente de grego. A redução salarial permitida apenas durante a calamidade sanitária, agora, poderá ser empregada a qualquer momento.

E mais! Ressuscitando pontos da nefasta “Carteira Verde e Amarela”, a MP prevê a criação de três programas que legalizam regimes de contratação extremamente precários: o “Regime Especial de Trabalho Incentivado, Qualificação e Inclusão Produtiva” (Requip), o “Programa Primeira Oportunidade e Reinserção no Emprego” (Priore) e o “Trabalho Voluntário”.

Se forem definitivamente aprovados, os três programas

criarão trabalhadores de “segunda categoria”, sem os direitos garantidos na CLT, como férias remuneradas, 13º salário, aposentadoria, seguro desemprego e auxílio doença, dentre outros.

**PARA A PATRONAL, BENEFÍCIOS E AGRADOS**

Além disso, as empresas que aderirem aos programas ainda serão recompensadas com deduções de impostos como o Imposto de Renda sobre Pessoas Físicas (IRPF) e o Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL). E, ainda, seria legalizado um verdadeiro calote ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e à Previdência Social.

Os novos contratados, além de desprotegidos, não terão acesso aos direitos conquistados pelas categorias através dos acordos coletivos e sequer



poderão ser representados pelos seus sindicatos.

A MP 1045 é um aprofundamento da Reforma Trabalhista de Temer, acaba com os direitos, reduz salários, rasga as

leis que protegem o trabalhador e dificulta, ainda mais, a fiscalização das empresas que desrespeitam a lei. Tudo para agradar os patrões que poderão explorar sem limites.

**ENTENDA**

**Programas que criam trabalhadores de “segunda classe”**

**REQUIP (Regime Especial de Trabalho Incentivado, Qualificação e Inclusão Produtiva):** Poderá ser aplicado para 15% dos empregados. Abarca os jovens de 18 a 29 anos, contratados para uma jornada de 22 horas, sem vínculo empregatício, sem direitos e sem aposentadoria. Está previsto o pagamento de uma “bolsa” (BIQ: Bolsa de Incentivo à Qualificação), no valor de R\$ 550,00, ao invés de um salário (sendo que metade do valor será pago pelos recursos da União e metade pela empresa).

**PRIORE (Programa Primeira Oportunidade e Reinserção no Emprego):** Pode abarcar 25% do quadro funcional da empresa. Destina-se a jovens de 18 a 29 anos ou pessoas com idade superior a 55 anos, que estejam há 12 meses sem emprego formal. O contrato é temporário (por 24 meses), a remuneração fixa não pode exceder R\$ 2.200,00 e haverá uma remuneração variável, paga através do bônus de inclusão produtiva (BIP), com valor equivalente ao salário mínimo por hora trabalhada. O BIP será custeado por recursos públicos – do “Sistema S”, do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) ou do Fundo de Combate e Erradicação da Pobreza (FCEP). Fica reduzido o valor do recolhimento do FGTS (de 8% para 2%, para microempresas; 4%, para empresas de pequeno porte e 6%, no caso das demais).

**Programa Nacional de Serviço Voluntário:** Para jovens de 18 a 29 anos e trabalhadores acima de 50 anos, que poderão ser contratados pelas prefeituras para trabalhar por hora, sendo que a remuneração da hora trabalhada equivale ao salário-mínimo, ou seja, cerca de R\$ 5,00.

**JABUTIS**

**Emendas retrocedem conquistas e destroem direitos**

O projeto da MP 1045 aprovado inicialmente pela Câmara recebeu mais de 400 emendas. Em conluio com os banqueiros, o agronegócio e os grandes empresários, o projeto redigido pelo deputado Christino Aureo (PP-RJ) inseriu vários ataques contidos em MPs anteriores, os chamados “jabutis”.

**Entenda os principais ataques:**

- Passa o pano para as empresas fora da lei: Estabelece a “dupla visita”, mecanismo que define que a empresa só será autuada e multada na segunda vez em que o auditor encontrar a mesma irregularidade, inclusive em situações análogas à escravidão.
- Restringe o acesso dos trabalhadores à Justiça: Altera as regras de gratuidade e restringe o poder da Justiça Trabalhista nos acordos extrajudiciais entre patrões e trabalhadores.
- Brechas para o trabalho escravo: Permite que “benefícios” como alimentação, uniforme, habitação e demais itens “in natura” (ou seja, considerados benefícios concedidos pelo empregador como gratificação pelo trabalho desenvolvido ou pelo cargo ocupado pelo empregado) sejam descontados do salário.
- Ataca a conquista da jornada reduzida: Reduz para 20% o valor da hora-extra para categorias como bancários, telemarketing, jornalistas etc., legalizando, na prática, a extensão de jornada.
- Superexploração: Aumenta o limite da jornada de trabalho dos mineiros para até 12 horas por dia.

**VELHA MENTIRA**

# Reduzir direitos não gera mais empregos!

Com 92 milhões de brasileiros sem emprego ou na informalidade, a MP 1045, se aprovada pelo Senado, terá um impacto devastador sobre o salário e os direitos de toda a classe trabalhadora.

Diferentemente do que defendem Bolsonaro e Paulo Guedes, reduzir direitos não gera mais empregos. Ao contrário incentiva mais demissões. Pois, a permissão para contratar trabalhadores e trabalhadoras sem direitos e com salários miseráveis, estimula as empresas a demitirem os que ganham mais e os substituírem por precarizados, terceirizados e temporários, rebaixando as condições de trabalho de toda a classe.

**REFORMA DE TEMER**

A prova disso é que após quatro anos da aprovação da Reforma Trabalhista de Te-

mer o resultado são índices alarmantes de desemprego e a redução geral dos salários. Por exemplo, a extensão dos contratos temporários de três para nove meses fez com que as contratações nessa modalidade saltassem de 337 mil para mais de 5 milhões, em apenas um ano.

**MAIS CATÁSTROFE SOCIAL**

Em contrapartida, não houve aumento das vagas de empregos. Ao contrário, as empresas substituíram postos de trabalho fixos por trabalhadores temporários, sem direitos e sem vínculos com os sindicatos; deixando-os, assim, sujeitos a uma exploração sem limites.

Se aprovada, a MP permitirá que as empresas possam trocar até 40% dos trabalhadores regidos pela CLT por contratados via REQUIP ou PRIORE; ou



seja, trabalhadores e trabalhadoras que receberão menos de um salário mínimo, não terão direitos, indenizações trabalhistas e aposentadoria. A legalização desse regime de semiescraavidão só aprofunda-

rá a catástrofe social na qual a classe trabalhadora já vive.

Mas essa grave crise não atinge a todos. Os lucros dos patrões e a fortuna dos super-ricos têm aumentado à custa da superexploração e da mi-

séria. Enquanto o número de pessoas em situação de pobreza triplicou no país, o agronegócio e as mineradoras tiveram o seu ano de maior rendimento e os quatro maiores bancos aumentaram seus lucros em 90%.

**NEM DIREITOS NEM EMPREGOS**

## Bolsonaro quer acabar com o futuro da juventude



Se a MP for definitivamente aprovada, a juventude, que já teve sua aposentadoria roubada e o direito à educação convertido em mercadoria, será transformada em trabalhadores e trabalhadoras de “segunda categoria”. Com o REQUIP, os jovens não terão sequer carteira assinada, já que é considerado um “programa de qualificação”. Ou seja, uma manobra para burlar as leis trabalhistas. E pior, não receberão sequer um salário. O programa prevê que o salário seja subs-

tituído por uma bolsa miserável, no valor de R\$ 550.

Hoje, cerca de 30% dos jovens de 18 a 24 anos estão desempregados. São dezenas de milhões de jovens que nem estudam, pois não tem possibilidade de cursar uma universidade, nem trabalham, pois não encontram um emprego digno. Ora estão no trabalho temporário, ora estão na informalidade. A maioria é formada por negros e negras que vivem nas periferias e sem qualquer perspectiva para o futuro.

**BARRAR A MP 1045**

## É preciso unificar as lutas numa greve geral pelo ‘Fora Bolsonaro e Mourão, já!’

As grandes centrais sindicais, infelizmente, entraram tarde nessa luta. Enquanto o governo se aproveitava da pandemia para reduzir direitos, as grandes Centrais defenderam a reedição da MP 936, sem enxergar que a real intenção do governo era “abrir a porteira” para passar a boiada.

Mas ainda é possível barrar a aprovação do MP 1045 no Se-

nado. Mas, para isto, será necessária toda a unidade possível nessa luta, trilhando o caminho da organização dos “de baixo”, independente dos patrões.

É hora de unificar as lutas das categorias que entrarão em campanha salarial, dos trabalhadores das estatais, que estão na mira das privatizações, e do funcionalismo público, atacado pela reforma administrativa

(leia p.11). Temos que fortalecer a unidade das centrais sindicais para construir uma greve geral no país, que pare a produção e ataque os lucros dos ricos.

Não podemos esperar as eleições de 2022 para tirar Bolsonaro e sua gangue do poder, sob o risco de perdermos todos os direitos conquistados.

Para termos emprego digno, com necessários direitos e para todos, é preciso, primeiramente, botar este governo entreguista e genocida para fora. E, nesse processo, construir um programa de medidas emergenciais, que ataque os lucros dos grandes empresários e banqueiros, que ponha fim aos privilégios dos ricos e suspenda o pagamento da dívida pública. Um programa que avance na construção de uma sociedade socialista, a única na qual trabalhadores e trabalhadoras poderão ter emprego e direitos que lhes garantam uma vida plena e digna.



## APROFUNDAR AS LUTAS

# Fora Bolsonaro e Mourão! Ditadura nunca mais!



DA REDAÇÃO

“O presidente Bolsonaro, no início de agosto, pediu que o povo brasileiro fosse mais uma vez às ruas, na Avenida Paulista, no dia Sete de Setembro, dar o último aviso (...) para que dê a ele e às Forças Armadas (FFAA), para que, em caso de um bastante provável e necessário congragolpe que terão que implementar em breve”. Parece mais uma daquelas mensagens que pululam nos grupos bolsonaristas mais empedernidos, não tivesse sido encaminhada pelo celular do próprio Bolsonaro a seguidores próximos, no dia 14 de agosto.

A escalada de ameaças golpistas de Bolsonaro avança na mesma proporção em que ele se isola e sua popularidade cai (cada vez mais). Acuado pela interminável fila de casos de cor-

rupção envolvendo a compra de vacinas, assim como pela crise econômica e social, ele aumenta o tom em sua marcha contra as liberdades democráticas. Parte disso foi a tragicômica “tanquiata”, realizada na Esplanada dos Ministérios, no mesmo dia que a Câmara decidiria sobre o voto impresso.

O próximo passo é a convocação de atos pró-ditadura, no próximo 7 de setembro. Bolsonaro sabe que, hoje, não existem condições para a vitória de um golpe de Estado: não há a menor correlação de forças para uma aventura deste tipo e setores do próprio agronegócio se dividem em relação às mobilizações pró-governo. Mas, ele está tentando semear um clima que vá criando as condições para isso, lá na frente. Para isso, tenta ganhar o conjunto das Forças Armadas, cuja cúpula está metida até a medula

em corrupção, e investir na organização de milícias, principalmente entre as Polícias Militares.

O objetivo de Bolsonaro é justamente o de avançar num projeto autoritário, ganhando ou não as eleições, escapar da cadeia e aprofundar sua política genocida e corrupta, de guerra social aos trabalhadores e ao povo pobre. Uma guerra encabeçada pelo Ministro da Economia Paulo Guedes e que combina a continuidade da entrega do país com o extermínio das populações indígenas e da juventude negra e a destruição do meio ambiente.

## UM GOVERNO MAIS FRACO, MAS AINDA ATACANDO OS TRABALHADORES

O mais recente levantamento da XP/Ipesp, instituto de pesquisa ligado ao mercado financeiro, apontou uma nova queda na popularidade de Bolsonaro. Segundo o estudo divulgado no dia 17 de agosto, 54% avaliam o governo como “ruim ou péssimo”. Os que consideram “bom e ótimo” somam 23%. É, respectivamente, o maior índice de rejeição e o menor de aprovação do mandato.

Desde outubro passado, o “péssimo” subiu 22 pontos e o “boa” diminuiu 12. O derretimento de Bolsonaro se reflete na intenção de votos. Se as eleições fos-



sem hoje, ele perderia para cinco pré-candidatos.

Embora esteja nas cordas, o presidente ainda segue atacando a classe e passando a boiada nos direitos, como através da aprovação do PL 1045, ou Minirreforma Trabalhista (leia mais nas páginas 6 e 7), da Reforma Administrativa no setor público (página 10) e das privatizações.

Não é hora de “frear” as lutas, mas aprofundá-las, rumo à Greve Geral

A escalada golpista de Bolsonaro – assim como a fome, o desemprego em massa e os incessantes ataques aos direitos – mostra que não é hora de “frear” as manifestações, como indicaram à imprensa alguns dirigentes da “Campanha Fora Bolsonaro”. Empurrar o desgaste de Bolsonaro para 2022 é deixá-lo avançar no projeto de destruição do país e em sua articulação golpista.

O que é preciso é o contrário: intensificar as lutas e as manifestações e preparar, desde já, uma Greve Geral que paralise a produção e os setores-chave da economia e coloque Bolsonaro na parede, derrotando seu projeto genocida e autoritário. O próximo passo é o “7 de setembro”, junto às mobilizações do “Grito dos Excluídos”.



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/XEJMY](https://pstu.ml/xejmy)



18 DE AGOSTO

## Dia nacional de lutas tem forte paralisação do setor público e protestos em todo o país

O dia 18 de agosto foi marcado por uma forte paralisação dos servidores públicos e manifestações em praticamente

todo o país. Só para se ter uma ideia, apenas no estado do Ceará houve paralisação e mobilizações em 30 cidades,

só de servidores municipais. Os trabalhadores da educação pública se destacaram. Desde os trabalhadores das universidades e institutos federais, até dentre os profissionais da educação, nos estados. O dia também foi marcado por uma forte paralisação do setor da saúde.

“Também houve uma participação forte da Segurança

Pública, na Polícia Civil, com a paralisação de delegacias”, afirma Paulo Barela, da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas. “Além do setor público, tivemos a participação ativa dos trabalhadores da iniciativa privada, como em São José dos Campos, com os metalúrgicos da região”, relata, ainda, ressaltando, também,

a mobilização dos movimentos populares.

“O dia 18 demonstrou que há uma indignação muito forte no setor público contra a Reforma Administrativa e todos os ataques do governo e do Congresso Nacional ao setor, e da população de forma geral contra o governo, com o ‘Fora Bolsonaro e Mourão’ tendo grande adesão”, resume.

## CALENDÁRIO



28 de agosto:

Mutirão nacional pelo “Fora Bolsonaro”, em preparação ao Grito dos Excluídos.



7 de setembro:

Grito dos Excluídos

SAÍDA

# Um programa dos trabalhadores para a crise



O Brasil possui um sistema de saúde público que, em que pese a ação destruidora de sucessivos governos, é um dos poucos no mundo de abrangência nacional e gratuito. Conta com avançados centros de pesquisa e uma tradição de vacinação que erradicou doenças como a pólio. Como é possível que, com isso, ainda estejamos no topo do ranking mundial de mortes diárias por COVID-19? Como é possível que, sendo o 2º maior produtor de alimentos no mundo, existam pessoas em filas intermináveis, em busca de doação de restos de ossos em açougues?

Isso acontece porque, no Brasil, como no resto do mundo, a riqueza produzida pela

classe trabalhadora não é revertida em melhorias das condições de vida da população. No capitalismo, a riqueza é apropriada por uma pequena parte, o 0,1% de banqueiros, grandes empresários e bilionários. É uma lógica que, no contexto de um país semicolonial e submetido ao mercado internacional, faz com que o arroz que falta na mesa do povo pobre (e que subiu 122% nos últimos 12 meses), vá para a produção de ração para gado e a exportação de carne.

O governo Bolsonaro responde à crise intensificando ainda mais essa política, tirando direitos a fim de aumentar a exploração, entregando o patrimônio nacional ao imperia-

lismo e aprofundando ainda mais nossa submissão. Provoca o desmonte dos serviços públicos, para pagar a mal-chamada dívida pública aos banqueiros; ataca os servidores e impede a demarcação de terras indígenas e quilombolas, legalizando a grilagem; ao mesmo tempo em que incendeia a Amazônia.

É preciso inverter essa lógica. Ao invés de a economia funcionar para enriquecer os bilionários, temos que botá-la para girar em benefício dos trabalhadores, das trabalhadoras e da maioria da população. Para garantir vacinação, saúde pública e o fim do desemprego, do arrocho e da carestia, assim como da precarização do trabalho.

Como também para que tenhamos serviços públicos, como saúde, saneamento básico universal, moradia para todos e terra para quem precisa, implementando uma reforma agrária radical e a demarcação de terras indígenas e quilombolas. E, ainda, parar as privatizações e a entrega do país e proteger a cultura e o meio ambiente.

Só há uma forma de fazer isso: tirando dos bilionários e dos super-ricos. Primeiro, parando de pagar a dívida aos banqueiros e investindo fortemente na geração de empregos, em saúde, educação e moradia. No mesmo sentido, estatizando o sistema financeiro, colocando-o sob o

controle dos trabalhadores, proibindo a fuga de capitais e garantindo crédito aos pequenos negócios.

É preciso, ainda, parar a entrega do país, revertendo as privatizações e reestatizando (sem indenizações e sob controle dos trabalhadores) as empresas privatizadas, assim como a saúde privada. E, também, taxar as grandes fortunas, os lucros e dividendos das 250 maiores empresas e bancos.

Um programa dos trabalhadores para enfrentar a crise também precisa reduzir a jornada, sem diminuir os salários, revogar a lei das terceirizações e as reformas trabalhistas, além de acabar com a precarização do emprego.

ALTERNATIVA

## Por um “polo revolucionário e socialista”



Só é possível enfrentar a crise sanitária, econômica e social enfrentando os super-ricos. E também os proble-

mas estruturais, como o desemprego, a fome, o trabalho precário e a destruição do meio ambiente. E isso é

impossível governando com e para a burguesia, como defendem Lula, a direção do PT e as alternativas burguesas que

buscam construir o que chamam de “terceira via”.

Recentemente, Lula afirmou ser contra até mesmo a taxa das grandes fortunas, num momento em que os próprios burgueses do quilate de Bill Gates e George Soros acham injusto pagarem tão poucos impostos.

O que esperar de um governo Lula junto banqueiros, grandes latifundiários e megaempresários que, hoje mesmo, estão impondo essa política de desmonte dos serviços públicos, Reforma Trabalhista, a inflação nos alimentos e a violência no campo? (leia mais nas páginas 4 e 5)

O programa da direção do PT é “mais do mesmo” dos últimos 500 anos de Brasil. Lamentavelmente, a direção

majoritária do PSOL defende o voto em Lula ainda no primeiro turno, abstendo-se de apresentar uma alternativa independente e colocando-se a reboque dessa perspectiva de conciliação de classes.

Precisamos construir um polo em defesa de uma alternativa de independência de classe, socialista e revolucionária. Que atue tanto nas lutas quanto nas eleições, contra os projetos da burguesia e os programas que se restringem aos limites do capitalismo, como o de Lula. Uma alternativa que apresente à classe trabalhadora um projeto que não seja o de ficar a reboque da burguesia, esperando migalhas, mas de fazer uma verdadeira transformação social.

LUTAR CONTRA PEC 32

# O que está em jogo com a Reforma Administrativa?

**PAULO BARELA,**  
DA CSP-CONLUTAS

**A** Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 32/2020, conhecida como Reforma Administrativa, tem como principal objetivo reduzir o custo da máquina administrativa, retirando do Estado obrigações de relevância, especialmente nas áreas sociais. Leia-se investimentos orçamentários em saúde, educação, segurança, assistência social, dentre outros.

Em suma, o governo Bolsonaro pretende atacar direitos históricos dos servidores, conquistados em lutas muito duras, ao longo de décadas. Dois desses, de sig-

nificado inequívoco para inibir a corrupção e a malversação dos recursos estatais: o concurso público e a estabilidade. Mas, por que eles são importantes?

## PORTEIRA ABERTA PARA APADRINHAMENTO E BALCÃO DE NEGÓCIOS

O concurso público é um dispositivo que foi definido na Constituição de 1988, impondo o ingresso ao serviço público através de concurso, não permitindo, assim, a influência política ou o apadrinhamento de governantes e políticos. Já a estabilidade preserva as funções públicas e serve como proteção do servidor contra os abusos do governo de plantão.

Pelo caráter impessoal do cargo público, permite que o servidor identifique e denuncie os casos de corrupção por parte de governantes e políticos.

O objetivo explícito da proposta é tornar a administração pública acessível aos cabos eleitorais, parentes e amigos, construindo um imenso “balcão de negócios” para intensificar a rapina do Estado e a disseminação de “rachadinhas”. Por isso, a PEC-32 propõe a criação de cinco vínculos trabalhistas que vão permitir a demissão de servidores concursados e estáveis, substituindo-os pelos amigos e parentes de quem estiver no poder.

## QUEM SÃO OS PRIVILEGIADOS?

Ao contrário do que o governo diz, a Reforma vai preservar os privilégios das cúpulas dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e, também, das altas patentes das Forças Armadas. Hoje, enquanto os servidores têm média salarial de R\$ 2,1 mil (nos municípios), R\$ 3,6 mil (estados) e R\$ 4,5 mil (União), os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF)



recebem, em média, R\$ 45 mil por mês, mais verbas de representação (que variam de acordo com os cargos e níveis, mas incluem, geralmente, gastos com refeições, viagens, hospedagem, locomoção, dentre outros).

Já Bolsonaro abocanha R\$ 72 mil por mês, como presidente e parlamentar aposentado. E Hamilton Mourão ganha a bagatela de R\$ 101 mil por mês, entre o salário de vice-presidente e o de general do Exército. Os ministros têm um

salário de R\$ 65 mil, sem considerar as verbas de representação. O piso salarial de deputados e senadores é de R\$ 35 mil, mas, com os adicionais, pode chegar a R\$ 70 mil. O mesmo é válido para estados e municípios onde, não raro, os salários dos governadores, prefeitos, deputados estaduais e vereadores se equiparam aos de seus colegas da esfera federal.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/PENU7](https://pstu.ml/penu7)



## PROJETO NEOLIBERAL

# Privatização dos serviços públicos, como o SUS

Porém, dentre as várias consequências dessa Reforma, as alterações nas relações trabalhistas dos servidores são apenas a ponta do iceberg. A mais emblemática é a criação do chamado “princípio da subsidiariedade”, dispositivo inspirado na “Carta del Lavoro” (Carta do Trabalho) expedida, em 1927, pelo fascista italiano Benito Mussolini. No Brasil, este princípio já foi utilizado por Getúlio Vargas, nos anos 30, e pelos governos da ditadura militar (1964-1985).

Na prática, o “princípio de subsidiariedade” concede poderes a Bolsonaro para que ele possa extinguir, alterar ou criar serviços, além de interferir na autonomia de estados e municípios. Isso significa que o governo poderá transferir para os interesses privados serviços que hoje são responsabilidade dos setores públicos.

Como consequência, os trabalhadores e a população mais pobre terão que pagar, por exemplo, pelos serviços de saúde. Será o fim do Sistema Único de Saúde (SUS), que passaria para o controle de hospitais e empresas privadas. Imaginem o que seria da população brasi-

leira se não houvesse um SUS público em meio à pandemia e à política negacionista e assassina desse governo?

Acontecerá a mesma coisa com os serviços de educação. Os tubarões do ensino privado irão abocanhar esse “futuro mercado” e o acesso às escolas e uni-

versidades vai ficar quase impossível para a maioria da população. Na área de segurança, será possível criar penitenciárias particulares, semelhantes ao modelo norte-americano.

Essa política foi pensada por Paulo Guedes, Ministro da Economia, e também já foi aplica-

da no Chile, durante a ditadura de Pinochet (1973-1990), onde a destruição dos direitos sociais levou o povo à miséria, sem acesso às condições mais elementares para sua sobrevivência. Esse é o projeto de Bolsonaro e Guedes com a Reforma Administrativa.

## ESTRATÉGIA

### Estado é capitalista versus conselhos populares

O debate sobre a Reforma Administrativa provoca uma discussão: para quem serve o Estado capitalista? Nossa resposta é inequívoca: atende aos interesses da burguesia, dos ricos e poderosos, daqueles que controlam a riqueza produzida pela classe trabalhadora e dela se apropriam, utilizando o Estado em prol de seus interesses e privilégios.

A esquerda reformista diz que a reforma vai enfraquecer o Estado e, por isso, é preciso fortalecê-lo, derrotando a proposta. Pensamos o contrário. A reforma fortalece o Estado, que está serviço da classe burguesa. Sob o capitalismo, um Estado forte é ainda mais opressor.

Isso não significa que não devemos lutar por conquistas sociais e direitos para os trabalhadores e trabalhadoras sob este Estado. É exatamente por isso que lutamos contra a aprovação da PEC-32. Todavia, é preciso mais. É necessário construir um processo mais avançado de sociedade, na qual o Estado seja governado e esteja a serviço da classe trabalhadora.

Esse Estado só poderá ser fruto de uma revolução, impondo o poder da classe trabalhadora sobre a burguesia e instalando uma democracia socialista sob controle dos conselhos populares.

AFEGANISTÃO

# A consumação da derrota do imperialismo

Em 15 de agosto, as forças da organização político-militar do Taliban entraram na capital Cabul e tomaram o poder. Antes disso, eles já haviam tomado a maior parte das cidades do interior, diante de um exército nacional em colapso. Simultaneamente, o último contingente de tropas norte-americanas remanescentes no país iniciava sua retirada (por ordem do presidente Joe Biden) e tentava garantir a fuga de milhares de pessoas, através de transporte aéreo, incluindo o ex-presidente afegão Ashraf Ghani e vários funcionários do regime derrubado. Qual é o significado desses fatos?

**Declaração do Secretariado Internacional da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)**

Alguns meios de comunicação de esquerda descreveram o episódio como algo equivalente à derrota norte-americana na Guerra do Vietnã, na década de 1970. Outras publicações destacaram e repudiaram o caráter profundamente reacionário e opressor contra as mulheres e as minorias étnicas do regime anterior do Talibã (1996-2001). Ao mesmo tempo, os meios de comunicação estão refletindo um debate extremamente intenso que está ocorrendo nos núcleos de inteligência e de elaboração de políticas imperialistas sobre o balanço do que aconteceu e sobre a correção ou o erro da decisão de Biden, ao retirar as tropas do país. Diante desse panorama complexo, quais devem ser, então, a análise e a política dos socialistas revolucionários?

## A “GUERRA AO TERROR” DE BUSH

O que está acontecendo, agora, é o último episódio de uma longa história, iniciada em 2001, quando o então presidente dos Estados Unidos, o republicano

George W. Bush, para levar a cabo um projeto internacional denominado “Novo Século Americano”, se aproveitou dos efeitos políticos produzidos pelos ataques contra as Torres Gêmeas, em 11 de setembro do mesmo ano. Bush lançou, então, a “guerra ao terror”, contra aquilo que ele chamou de “o eixo do mal” (os governos do Afeganistão, Iraque, Síria, Coreia do Norte e Irã, dentre outros).

O primeiro episódio dessa guerra foi a invasão do Afeganistão, para derrubar o governo Taliban (acusado de ter ajudado os autores do “11 de setembro”), em outubro de 2001, com participação de tropas da Grã-Bretanha e de outros países. Essa coalizão foi chamada de “Força Internacional de Assistência à Segurança” (ISAF, na sigla em inglês). O passo seguinte foi a invasão do Iraque, em 2003, para derrubar o governo de Saddam Hussein (acusado de possuir “armas de destruição em massa”).

Ambos os regimes foram derrubados, mas o imperialismo foi forçado a manter ocupações militares permanentes, que tiveram que enfrentar guerras de liberta-

ção nacional com desdobramentos cada vez mais desfavoráveis para o imperialismo. Para tentar reverter essa dinâmica, o imperialismo aumentou suas apostas, chegando a ter 100 mil soldados no Afeganistão, no início do governo de Barack Obama. Mas essa aposta não vingou e o desenrolar da guerra no Afeganistão conduziu quase inevitavelmente à derrota do imperialismo (o mesmo que aconteceu no Iraque), algo que já era reconhecido pela própria burguesia imperialista, pela sua imprensa e pelos dirigentes militares. Naqueles anos, foi criado o conceito de “Síndrome do Iraque” (em analogia ao desfecho da Guerra do Vietnã), para caracterizar a situação decorrente de uma derrota e a necessidade de girar o lema em direção a outras alternativas.

## REVIRAVOLTA SOB O GOVERNO OBAMA

Foram nesses anos que se produziu a essência da derrota militar imperialista. Novamente, o imperialismo recebeu a mesma lição dada pelo Vietnã. Quando se trata de ações militares rápidas, contra países mais fracos, sua superioridade militar e tecnológica é eficaz, como na derrubada dos regimes do Taliban e de Saddam. Mas, se essas ações se transformam em ocupações e guerras, que se prolongam no tempo, contra uma resistência nacional, os resultados acabam sendo muito negativos para o imperialismo. Como expressão dessa derrota, em 2014, a ISAF foi dissolvida, as forças de outros países se retiraram e apenas os soldados norte-americanos permaneceram.



Ocupação dos EUA no país promoveu inúmeros massacres



Soldado executa prisioneiro afegão

Obama já havia começado uma inversão da marcha: a retirada gradual das tropas estadunidenses até deixar um máximo de 10 mil soldados; essencialmente, por um lado, para prote-



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/WSY17](https://pstu.ml/wsy17)



**Afegãos em fuga após a tomada do poder pelo Taliban dentro de um avião dos EUA**

ger Cabul, as instituições do regime fantoche e os bairros mais centrais. Por outro, para realizar operações de “assassinato seletivo” contra líderes talibans. O objetivo estratégico era a retirada.

Nesse contexto, Obama, simultaneamente, promoveu, forneceu armas, treinou e financiou (com numerosos fundos) a construção de um “exército nacional afegão”, capaz de sustentar o regime de Cabul e conter o Taliban. Em teoria, tinha 300 mil soldados bem armados e treinados. Mas isto acabou se mostrando um “castelo de areia”, principal-

mente no interior, onde suas unidades eram comandadas por chefes tribais regionais que, muitas vezes, mentiam sobre a quantidade de soldados que tinham para ficar com mais dinheiro.

Nos anos seguintes, diante de qualquer forte ofensiva do Taliban, estes chefes entregavam a cidade que funcionava como capital da região e, muitas vezes, faziam um acordo com essa organização. Quando a decisão de Biden de retirar definitivamente os soldados norte-americanos se tornou conhecida, esse colapso se acelerou, facilitando o controle

do território afegão pelas forças do Taliban e seu avanço à Cabul.

#### “ESTAMOS DE PARTIDA”

É preciso destacar que a política de retirada definitiva do Afeganistão já havia sido adotada por Donald Trump, com o argumento de que não se deveriam gastar esforços em “guerras inúteis”, em regiões que ele não considerava estratégicas para os interesses dos EUA.

“Depois de todos esses anos, é hora de trazer nosso povo de volta para casa”, disse Trump. Inclusive, “em fevereiro de 2020, os Estados Unidos e o Taliban assinaram um ‘acordo para trazer a paz’ ao Afeganistão” (sem a participação do regime afegão). Quase cinco mil militantes do Taliban foram libertados nos meses posteriores à assinatura deste acordo.

Por mais que, agora, Trump vocifere que o resultado teria sido “mais bem-sucedido” com ele no poder, Biden nada mais fez do que continuar e executar uma decisão política que o imperialismo já havia tomado há vários anos. Nesse contexto, ele fez um acordo com o Tali-

ban, pelo qual este atrasou sua entrada em Cabul para permitir a saída das tropas estadunidenses e para que os oficiais do regime afegão derrubado pudessem fugir pelo aeroporto. Embora não seja o tema central deste artigo, esta política de Biden em relação ao Afeganistão se enquadra nos objetivos estratégicos definidos para seu governo: tentar resolver os problemas econômico-sociais dos EUA e se concentrar no confronto com a China.

#### UMA PRIMEIRA DEFINIÇÃO

Algumas organizações de esquerda caracterizam a entrada do Taliban em Cabul como um “novo Vietnã” e até comparam duas fotos, mostrando um helicóptero militar dos EUA voando sobre as respectivas embaixadas. Mas, se considerarmos apenas a mensagem que esta comparação de fotos transmite, teremos uma imagem distorcida da realidade.

Façamos uma primeira definição: há uma derrota para o imperialismo norte-americano em sua política de invasão de países e de imposição militar de

sua vontade. Portanto, da mesma forma que apoiamos a resistência nacional do povo afegão contra o imperialismo, comemoramos essa derrota como um triunfo das lutas das massas. É uma demonstração de que o imperialismo pode ser derrotado e que não é invencível. Essa definição é a central no balanço do que aconteceu nos últimos 20 anos. Nesse sentido, podemos traçar algum paralelo com a Guerra do Vietnã.

Mas o que está acontecendo agora é a consumação de uma derrota que, em essência, já havia ocorrido anos atrás e cujos efeitos mais importantes já se desenvolveram no decorrer dos últimos anos.

Quem espera que o triunfo do Taliban detone, automática e mecanicamente, uma dinâmica global ou regional imediata, semelhante à que se abriu com o Vietnã, ou a rápida expansão de uma nova ascensão revolucionária no mundo árabe-muçulmano, possivelmente irá se desiludir. A dinâmica global e regional será muito mais complexa e contraditória.

### NOVO GOVERNO

# Agora, o problema é o Talibã

Há outra diferença muito importante. A derrota do imperialismo no Vietnã deu origem a um novo Estado Operário, num país unificado, embora burocratizado, liderado pelo Partido Comunista Vietnamita.

É impossível que isso aconteça no Afeganistão e a razão fundamental para isto é o caráter do Taliban. Esta organização tornou-se a direção político-militar da resistência nacional ao imperialismo e foi, então, a arquitecta da derrota imperialista.

Foi uma luta muito progressiva das massas afegãs e é por isso que a apoiamos.

No entanto, não podemos ignorar dois aspectos. Por um lado, o caráter burguês do Taliban torna impossível que eles sejam consequentes, até o fim, na luta contra o imperialismo. Por outro, o Talibã já governou o país entre 1996 e 2001, e o fez sob um regime de “ditadura teocrática”, com leis baseadas em uma interpretação extrema e intolerante da “sharia” islâmi-

ca [sistema jurídico muçulmano, derivado de um conjunto de normas e orientações baseadas no Alcorão].

Essas leis eram duramente opressivas-repressivas contra as mulheres, obrigadas a usar a burca como roupa obrigatória em público, não podiam dirigir carros, as escolas para meninas maiores de oito anos foram eliminadas (antes dessa idade, elas só podiam aprender a ler e escrever no estudo do Alcorão), não podiam ir às consultas com médicos sem a presença de um homem que os acompanhasse (o que significava que muitas vezes não eram tratados de várias doenças) etc.

O regime taliban também cometeu vários massacres contra as minorias étnicas, religiosas e linguísticas do país “especialmente entre os xiitas e a população hazara, que consideravam ‘subumanos’ porque eram ‘não crentes’, e, segundo eles, não tinham direito



A imagem de muitas pessoas de Cabul querendo fugir da cidade é um reflexo disso.

Temos, então, uma combinação contraditória: um triunfo da resistência nacional afegã contra o imperialismo, mas, como resultado, a instalação quase certa de uma nova ditadura teocrática. Celebramos o triunfo, mas, ao mesmo tempo, acreditamos que a tarefa, agora, diante das massas afegãs (especialmente das mulheres e das minorias oprimidas) é a luta contra essa ditadura.

A consumação de uma derrota imperialista fortalece as lutas dos trabalhadores e das massas no mundo contra o imperialismo. Ao mesmo tempo, uma organização cujo projeto é instalar uma ditadura teocrática assumiu o poder. Por isso, a tarefa que começa, agora, no Afeganistão é a luta contra o novo governo.



**No Afeganistão, mulheres protestam pela manutenção dos seus direitos após a tomada do governo pelo Talibã**

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://PSTU.ML/WSY17](https://pstu.ml/wsy17)

## AQUECIMENTO GLOBAL

# Novo relatório do IPCC expõe a catástrofe climática provocada pelo capitalismo

**JEFERSON CHOMA,**  
DA REDAÇÃO

No começo de agosto, o “Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas” (IPCC, na sigla em inglês) divulgou seu mais recente relatório a respeito das mudanças climáticas.

O tom alarmista do documento é plenamente justificável. Afinal, o planeta está se aquecendo mais rápido do que se pensava, os eventos climáticos extremos têm sido cada vez mais perceptíveis e, salvo há muitos milhares de anos, nossa atmosfera nunca contou com a presença de tantos gases de efeito estufa como agora.

Como aponta o IPCC, a temperatura média do planeta pode exceder ao limite de 1,5° Celsius até 2040, mais rápido do que se pensava. Esse limite havia sido fixado em um relatório anterior, de 2013, e advertia que uma elevação da temperatura média da Ter-

ra acima dele teria efeitos catastróficos e imprevisíveis para a humanidade.

## DESCONTROLE E FALTA DE INICIATIVAS

O relatório concluiu que, para manter o aquecimento sob algum tipo de “controle”, seria necessário reduzir as emissões de carbono pela metade até 2030 e zerá-las totalmente, em 2050. Estamos a nove anos desse prazo e nenhum passo efetivo foi dado, em nenhum lugar do mundo, no sentido de realizar tal meta. De acordo com o IPCC, desde 1880 a temperatura média da superfície do planeta subiu cerca de 1,2° Celsius, sendo que a maior parte do aquecimento ocorreu no final da década de 1970.

O relatório atual também aponta que os oceanos estão se elevando. E, não importa o que façamos, o nível dos oceanos vai continuar aumentando de dois a três metros no longo prazo, mesmo que

se mantenha o aquecimento em 1,5°C. No pior dos cenários traçados pelo IPCC, o aumento pode atingir cinco metros até 2150, caso se mantida a quantidade atual de emissões de gases de efeito estufa; ou seja, substâncias gasosas que absorvem parte da radiação infravermelha emitida pelo Sol e refletida pela superfície terrestre, dificultando o escape desta radiação (calor) para o espaço.

Já os níveis de concentração de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) na atmosfera são maiores hoje do que em qualquer época dos últimos dois milhões de anos. Quanto à concentração de metano na atmosfera, cuja propriedade de retenção de calor é 24 vezes maior do que o CO<sub>2</sub>, o nível atual é o maior nos últimos 800 mil anos.

A maior concentração de CO<sub>2</sub> vem tornando os oceanos mais ácidos, pelo fato deles absorverem um terço do carbono lançado na atmosfera. Esta acidificação compromete toda a cadeia trófica (ou cadeia



alimentar) e coloca em risco a reprodução das espécies marinhas.

## O PIOR AINDA ESTÁ POR VIR

Pela primeira vez o IPCC reconhece abertamente que as mudanças climáticas atuais são provocadas pelo ser humano e que já estão produzindo eventos climáticos extremos em todas as regiões do globo.

Ondas de calor, secas, chuvas torrenciais e inundações serão cada vez mais frequentes e intensos. Isso já é bastante perceptível, basta ver a onda de calor que tem

provocado imensos incêndios florestais na Europa e na Tunísia e o calor inédito em regiões do Canadá (que chegou a 49,5°C) ou na cidade siberiana de Verkhoyansk (que registrou 38°C, este ano).

O relatório avisa que o pior está por vir. Ao ultrapassar o limite de 1,5° C de aquecimento global, o documento afirma que devemos esperar ver “eventos extremos sem precedentes no registro de observação”.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/ZR661](https://pstu.ml/zr661)

## POR AQUI

# E no Brasil, o que vai acontecer?

Em qualquer um dos cenários apresentados pelo IPCC, haverá impactos no Brasil. Calcula-se que, nas próximas décadas, haverá um aumento da temperatura média em todas as regiões, mas o aquecimento será maior no Norte, no Centro-Oeste e no Nordeste,

que sofrerão diminuição de chuvas e secas muito mais frequentes, mais severas e duradouras.

O Nordeste já experimenta um processo de desertificação do semiárido. Atualmente, 13% de toda a região (127 mil quilômetros quadrados) vive em um es-

tágio avançado de desertificação.

As secas mais severas diminuirão as chuvas da Amazônia e, associado ao desmatamento, a floresta poderá atingir um ponto de ruptura e se transformar em uma savana degradada (região com vegetação rasteira, árvores

esparsas e arbustos isolados). Isso diminuirá a umidade produzida pela própria floresta (evapotranspiração), afetará seu transporte até as regiões Centro-Oeste e Sudeste do país pelos chamados “rios voadores” e produzirá escassez hídrica e energética, com

consequente diminuição na produção agrícola.

Estas mudanças também teriam consequências globais, posto que a Amazônia deixaria de ser um sumidouro de CO<sub>2</sub> e passaria emitir o gás, aumentando o aquecimento do planeta.

## INEVITÁVEL

# Capitalismo leva humanidade para a catástrofe ambiental

Embora a situação seja muito séria, as mudanças não vão acontecer repentinamente, mas ao longo das décadas do século 21. Seus efeitos, porém, persistirão por centenas ou milhares de anos, pois estamos diante do fim de uma época geológica, o Holo-

ceno, cuja estabilidade climática, nos últimos 12 mil anos, permitiu à humanidade o desenvolvimento da agricultura e da civilização.

O gráfico 1 mostra que o aquecimento foi causado pela emissão de combustíveis fósseis (formados por processos naturais, como car-

vão mineral, gás natural e petróleo), a matriz energética que permitiu o surgimento e o desenvolvimento da acumulação capitalista. Sem essa matriz energética, abundante e barata, a expansão e acumulação de capital simplesmente não teriam sido possíveis.

No entanto, foi depois da Segunda Guerra que houve um salto nas emissões dos gases estufa. Esse período, chamado pelos cientistas de “A Grande Aceleração”, foi quando o petróleo e seus derivados tornaram-se a base energética absoluta

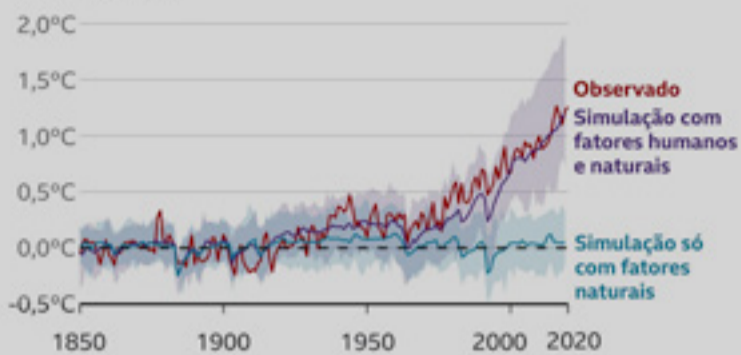
do padrão de desenvolvimento do capitalismo.

Entre 1900 a 2013, a extração de petróleo aumentou 207 vezes. Em 1913 o petróleo fornecia 5% da energia mundial. Mas, em 1970 era responsável por 50% e, hoje, do total de consumo mun-

**GRÁFICO 1**

**Influência humana tem aquecido o clima**

Variação na temperatura global média em relação a 1850-1900, com temperaturas observadas e simulações matemáticas



Obs: Áreas sombreadas indicam amplitude de cenários simulados  
Fonte: IPCC, 2021: Sumário para os Formuladores de Políticas

dial de energia, 80% pertence a energias fósseis. É isso que nos levou àquilo que muitos autores chamam de Capitaloceno, a nova época geológica causada pelo modo de produção capitalista, cujas consequências vão transcender o próprio sistema.

**CAPITOCENO: DESEQUILÍBRIO E DESTRUIÇÃO**

Em sua crítica ao capitalismo, Marx apresenta o conceito de

metabolismo entre a sociedade e a natureza. Trata-se do ciclo de apropriação, consumo e excreção dos recursos naturais, comum a qualquer tipo de sociedade. Uma troca de matéria e energia entre os humanos com seu “corpo inorgânico”, como Marx definia a natureza. Sob o capitalismo, houve uma ruptura desse metabolismo, impensável para Marx no seu tempo, ao ponto de criar uma nova época geológica.

O desenvolvimento das forças produtivas, determinado pela lógica da acumulação e do lucro, se converteu no desenvolvimento de forças destrutivas, que terminam por arruinar até mesmo as condições naturais e físicas da própria reprodução capitalista.

Quando o agronegócio queima a Amazônia a fim de expandir a pecuária e o cultivo de soja, ele termina por acabar com os sistemas que produzem chuvas, sem a qual não será possível realizar esses cultivos. Ao aumentar a temperatura do planeta, regiões continentais inteiras ficarão desabitadas, cidades costeiras desaparecerão com toda sua infraestrutura e novas epidemias e pandemias podem surgir, com a liberação de vírus e bactérias do seu habitat natural.

Em 2016, por exemplo, o degelo dos solos da Sibéria (conhecido como “permafrost”, formados por terra, gelo e rochas permanentemente congelados) provocou um surto de antraz (uma bactéria infecto-contagiosa), com o descongelamento do organismo que estava aprisionado no solo há milhares de anos. Isso é uma pequena mostra do que pode estar por vir.

A irracionalidade do capitalismo nos levará à catástrofe

O fim do Holoceno nos coloca diante de um futuro sombrio, com imensos contingentes de refugiados, despovoamento de cidades e de regiões inteiras do planeta, agravamento da fome, guerras e novas formas de crises econômicas, causadas por falta de recursos.

Engana-se quem pense que essa é a previsão de um catas-

trofista. Ela está escrita em documentos produzidos pelo próprio “andar de cima”, nas páginas de relatórios que circularam pelo encontro do Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça), em 2020. A irracionalidade do capitalismo levará a humanidade à catástrofe. Mais do que nunca, o dilema entre socialismo e barbárie se apresenta como vital para a sobrevivência da civilização.

**GRÁFICO 2**

**Aumento médio do nível do mar em relação a 1900**



Fonte: IPCC, 2021: Sumário para os Formuladores de Políticas

**SAÍDA**

# Socialismo e economia planificada podem garantir a transição energética

Atualmente, Joe Biden vem dizendo que vai liderar uma transformação da matriz energética fóssil para fontes renováveis, como as energias eólica (gerada pelos ventos) e solar. Mas, o dinheiro investido pelos EUA nessas novas matrizes é uma quimera perto dos subsídios dados pelos governos para a produção de petróleo.

O G20 (formado pelos 19 países com as maiores economias mais a União Européia) forneceu mais de US\$ 3,3 trilhões em subsídios para combustíveis fósseis desde que o “Acordo Climático de Paris” foi assinado, em 2015. Nesse mesmo período, os EUA aumentaram esses subsídios em 37%.

Todo o falatório sobre mudança da matriz energética vinda da boca dos capitalistas não passa de conversa fiada. Hoje, não há nenhuma matriz que possa substituir o petróleo e o gás, pois as energias eólica

e solar são de natureza pouco concentrada, são irregulares, dependem de condições geográficas e meteorológicas e, ainda, têm pouca taxa de retorno: se investe muito para se obter pouca energia.

Outro problema é que a matriz fóssil é esgotável. Vai acabar. O que provoca uma elevação dos custos para sua obtenção e o desenvolvimento de técnicas ainda mais destrutivas como o “fracking” e a exploração do Ártico e da Antártida, as últimas fronteiras da matriz fóssil.

**O QUE FAZER DIANTE DESSE CENÁRIO? SOCIALISMO OU BARBÁRIE**

Se ainda não existem fontes energéticas alternativa ao petróleo, a solução será gastar menos energia. Mas, para isso, é preciso por fim à acumulação capitalista, superando esse modo de produção irracional e insustentável e garantindo uma

transição energética para o conjunto da civilização.

E isso só pode ocorrer sob uma sociedade socialista, que restabeleça o equilíbrio metabólico entre a sociedade e natureza, permitindo uma relação racional com os recursos naturais. Uma sociedade na qual o poder e político e econômico esteja nas mãos da classe operária e de seus aliados oprimidos.

O capitalismo é avesso ao planejamento, pois é governado pela anarquia na produção e a lógica do lucro e da acumulação incessante. Só uma sociedade socialista pode planejar democraticamente a transição energética, começando com a nacionalização de todas as fontes energéticas, inclusive das matrizes fósseis, que devem passar ao controle dos trabalhadores.

O socialismo é, ao mesmo tempo, uma revolução das relações de produção e uma revolução das forças produtivas. E essas últimas, como nos lembra Vladimir Ver-

**REGIÕES DO PLANETA QUE SOFRERÃO SECAS SEVERAS**

FAQ8.3: Mudanças climáticas e secas  
Em algumas regiões, espera-se que a seca aumente com o aquecimento futuro



Fonte: IPCC, 2021: Sumário para os Formuladores de Políticas IPCC OMI

nadski (cientista russo que criou, na década de 1920, o conceito de biosfera para denominar todos os ecossistemas existentes na Terra), “são independentes, em sua composição e abundância, de toda vontade e razão humana, por mais concentradas ou organizadas que sejam. Como essas forças não são inesgotáveis, sabemos que elas

têm limites e que esses limites são reais; não são imaginários e não são teóricos. Podem ser verificados pelo estudo científico da natureza e representam para nós um limite natural insuperável de nossa capacidade produtiva”.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://PSTU.ML/ZR661](https://pstu.ml/zr661)

O FALSO DISCURSO DA NORMALIDADE

# Pandemia segue matando mais de mil pessoas por dia no Brasil


**ROBERTO AGUIAR,  
DE SALVADOR (BA)**

Os governos estão tentando passar a sensação de que estamos retornando à “normalidade”, mesmo ainda que 100% da população tenha sido imunizada sequer com a primeira dose da vacina. Assim, em nome do lucro e da defesa da tal “retomada da economia”, impõem uma política genocida, que segue matando mais de mil pessoas diariamente em nosso país.

Enquanto corpos seguem sendo enterrados, escolas estão sendo reabertas – seja por governos da direita, como João Dória do PSDB (São Paulo), seja por governos da dita esquerda, como Rui Costa do PT (Bahia) – e eventos e festas “oficiais” estão sendo liberados. Em Salvador, por exemplo, a prefeitura de está estudando a realização de um “evento teste”, visando à preparação do Carnaval 2022. Além disso, o prefeito da capital baiana, Bruno Reis (DEM), aposta na realização do Festival da Virada (festa de fim de ano).

Enquanto isso, a pandemia já infectou mais de 1,2 milhão de pessoas na Bahia, que soma mais de 26 mil mortes. Esta semana, como afirmou o governador Rui Costa, o “ví-

rus ganhou um fôlego novo”. Há quatro dias, a taxa de contaminação parou de cair e a taxa de ocupação de leitos de UTI voltou a subir.

## NOVA CEPA E, AINDA, MAIS PERIGOSA

A falsa impressão de segurança pode ser o prelúdio para novas tragédias. Uma nova variante, chamada de Delta, vem causando estragos em regiões e países que estão mais avançados que o Brasil na política de vacinação, a exemplo da Europa e dos Estados Unidos. Por lá, as coisas estão fora de controle.

Todas as pesquisas científicas, realizadas neste momento, apontam que a variante Delta se replica muito mais rápido e que a sua produção de vírus no organismo é mil vezes maior, comparada à versão original da doença. Por isso, ela é perigosa e está iniciando uma nova onda de contaminações.

Esta variante também já está presente no Brasil e responde por 66% dos casos atuais na cidade do Rio de Janeiro e por 60% dos casos em todo o estado fluminense, segundo boletim da Secretaria Estadual de Saúde divulgado na última segunda-feira (16). A variante Delta também já é responsável 50% dos casos no Distrito Federal.



Também é importante destacar que, no Brasil, temos um número expressivo de pessoas que não voltaram para a segunda dose e estão mais suscetíveis a desenvolver uma doença mais grave se a infecção for pela Delta ou outras variantes, já que vírus está evoluindo. Apenas 24% da população brasileira estão completamente imunizados com as duas doses, indicam os da-

dos do Consórcio de Veículos de Imprensa.

Frente a esta situação, especialistas defendem a revisão de “flexibilizações” impostas pelos governos, caso contrário o Brasil vai passar pela mesma situação que vive o estado do Rio de Janeiro. Na capital carioca, a taxa de ocupação operacional dos leitos para Covid na rede pública bateu os 91%. Enquanto que, no interior, há seis cidades com vagas de UTI esgotadas.

## MEDIDAS EM DEFESA DA VIDA

É preciso barrar essa política genocida imposta pelos governos, que visa seguir mantendo o funcionamento da economia, à custa da exploração dos trabalhadores e da manutenção dos lucros dos capitalistas.

Bolsonaro é um genocida e corrupto. Não há dúvidas. Optou pela morte e pela propina, ao invés de comprar vacinas. Desde o início da pandemia, apostou na chamada imunidade de rebanho. Mas ele não agiu sozinho, os governadores e prefeitos também têm sua cota de responsabilidade na morte de 569 mil brasi-

leiros. Nunca implementaram uma quarentena pra valer, com políticas de auxílio, para conter a disseminação do vírus. Sempre colocaram o lucro acima da vida.

Para defender a vida é preciso garantir vacina para todos, quebrando as patentes e enfrentando os laboratórios internacionais que estão lucrando bilhões com o vírus. Também é necessário revogar todas as medidas de flexibilização e garantir o controle, eliminação e erradicação da pandemia, com vacinação, testes de rastreamento e medidas de isolamento social. Retorno às aulas presenciais só após vacinação de todos!

É necessário garantir o auxílio emergencial de um salário mínimo, só assim pode-se aplicar uma política de quarentena de verdade.

Na luta para que tais medidas sejam implementadas, temos que seguir a batalha pela derrubada de Bolsonaro e Mourão, corruptos e genocidas, que matam mais que o vírus.



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/SQ45V](https://pstu.ml/SQ45V)

81 ANOS SEM TROTSKY

# Trotsky vive na luta pela revolução mundial

**DA REDAÇÃO**

No dia 21 de agosto de 1940, Leon Trotsky foi assassinado por Ramon Mercader, um espião soviético, por ordem de Josef Stalin. Terminava, assim, a mais encarniçada e duradoura perseguição promovida pelo stalinismo, na época; movida com insistência e ódio proporcionais ao temor que Stalin tinha de seu principal opositor.

Trotsky, sua vida, obra e suas iniciativas políticas estarão ligados, para sempre, à história da Revolução Russa.

Na Revolução de 1905, já havia desempenhando um importante papel, ao presidir o primeiro “soviet” (conselho) de deputados operários de Petrogrado. Em 1917, uniu-se ao Partido Bolchevique e novamente foi eleito presidente do “soviet” da então capital da Rússia. Na Revolução de Outubro, dirigiu o Comitê Militar Revolucionário, que organizou a tomada do poder pelos bolcheviques.

**FUNDADOR DO EXÉRCITO VERMELHO**

Na Guerra Civil (1918-1921), contra o Exército Branco (ou Guarda Branca, formado por for-



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://PSTU.ML/DF4VL](https://pstu.ml/df4vl)

ças nacionalistas e contrarrevolucionárias, agrupando organizações anti-comunistas, conservadoras e czaristas) e pelas tropas invasoras dos países imperialistas, Trotsky organizou e dirigiu o Exército Vermelho. A recém formada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) saiu vitoriosa da Guerra Civil, garantindo a existência do primeiro Estado Operário do mundo.

Durante a guerra, Trotsky também participou, de forma ativa, da fundação da III Internacional, foi um dos seus principais dirigentes e autor de várias resoluções aprovadas em seus primeiros quatro congressos.

**CONTRA REVOLUÇÃO BUROCRÁTICA**

## A luta contra o stalinismo

Depois da vitória na Guerra Civil, o Estado soviético viveu um terrível isolamento internacional. A onda revolucionária que varreu a Europa depois do final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) retrocedeu. A revolução foi derrotada em vários países, principalmente, na Alemanha.

A URSS que emergiu da Guerra Civil era um país com a infraestrutura destruída, fome generalizada e um milhão de operários que foram mortos em defesa da revolução. Nessa situação, o governo soviético teve de utilizar muitos dos funcionários e técnicos do antigo regime reacionário.

A combinação destes fatores produziu uma nova camada social privilegiada de burocratas (funcionários diretamente ligados às estruturas do governo). Stalin, um dirigente sem expressão, tornou-se a cabeça dessa nova burocracia.

Com a doença e posterior morte de Lênin (o principal lí-

der da Revolução), em janeiro de 1924, uma contrarrevolução burocrática foi iniciada, sob a direção de Stalin. Neste momento, Trotsky organizou a Oposição de Esquerda, que lutou contra a burocratização da URSS, do Partido Comunista e da III Internacional.

O isolamento da União Soviética, porém, acabou derrotando a Oposição. Em 1927, Trotsky e milhares de opositoristas foram expulsos do Partido Comunista, presos e exilados na Sibéria. Em 1929, Trotsky foi finalmente expulso da URSS e enviado para um exílio forçado, na Turquia.

**EXPURGOS**

## Stalin exterminou comunistas que fizeram a revolução

A burocratização da URSS levou a III Internacional, os Partidos Comunistas e a própria revolução internacional a se subordinarem aos interesses da casta dirigente do Estado soviético. Esta criou a teoria-justificativa do “socialismo num só país”, segundo a qual a URSS já seria uma economia socialista nacional. Assim, os partidos comunistas mundo afora, seguindo a orientação de Stalin, frearam a Revolução Chinesa (1927) e a Revolução Espanhola (1936-1939), para promover alianças com setores da burguesia.

Trotsky insistiu sempre no caráter internacional de todos os fenômenos da nossa época. Por isso, o elemento central da sua Teoria da Revolução Per-

manente é a necessidade de uma perspectiva internacionalista na luta pela revolução socialista. O capitalismo em sua etapa imperialista, com sua decadência, arrasta a humanidade às guerras, às crises permanentes e, finalmente, à barbárie. A revolução socialista é uma necessidade, pois o próprio capitalismo só pode ser derrotado internacionalmente.

No entanto, para justificar a violação de todos os princípios do marxismo e do socialismo internacional, o stalinismo precisava destruir toda a velha-guarda do Partido Bolchevique. Esse objetivo foi alcançado com o chamado “Grande Expurgo”, que começou em 1934 e significou a execução ou morte nos campos de concen-

tração de centenas de milhares de comunistas opositores.

**OS PROCESSOS DE MOSCOU**

Stalin promoveu a farsa dos Processos de Moscou (1936-1938), nos quais dezenas de dirigentes da Revolução de Outubro, como Zinoviev, Kamenev, Preobrazhensky e Bukharin foram acusados de traição e sabotagem, julgados e fuzilados. Trotsky, mesmo no exílio, foi o principal acusado, inclusive de ser um agente do nazismo.

A obsessão assassina de Stalin se deveu ao fato de que Trotsky era o último dirigente vivo da Revolução de Outubro e o único que continuava enfrentando a burocracia de forma consequente. O ditador temia que o fim da Segunda Guerra



Assista, também, o primeiro episódio da nova série “Stalinismo: contrarrevolução e restauração, apresentado pelo jornalista Bernardo Cerdeira. É só clicar na imagem.

(1939-1945) desencadeasse um novo processo revolucionário mundial e que Trotsky pudesse representar, para o proletariado, a tradição desta revolução.

Sabendo disso, Stalin planejava sua morte. Trotsky dedicou os últimos anos de sua vida para a construção uma nova organização revolucionária internacional. E, felizmente, conseguiu realizar a tarefa

que ele mesmo considerava sua grande obra: em 1938, foi fundada a IV Internacional. O elo de continuidade do marxismo revolucionário não foi rompido.

**SAIBA MAIS**



**ASSISTA A SÉRIE SOBRE TROTSKY E O STALINISMO**

Para saber mais sobre Trotsky e o que foi o stalinismo assista a série em nosso canal: “Trotsky, vida obra e luta”